

## DICIONÁRIO E CORES

Claudia ZAVAGLIA<sup>1</sup>

- **RESUMO:** O léxico de uma língua pode ser considerado um bem ou um conjunto de bens lingüísticos pertencente a uma sociedade de importância e valor reconhecidos num determinado lugar, região ou país que, devido ao progresso técnico e científico, evolui em continuidade, nas mais diversas frentes, uma vez que o processo de nomeação da realidade é uma constante dinâmica e vivaz. É nesse conjunto imenso de unidades lexicais, cujas divergências lingüístico-semânticas são inerentes e formadoras de culturas e comunidades de fala, que se inserem os itens lexicais cromáticos como microssistemas lingüísticos singulares repletos de significação e riqueza sintático-semântico-pragmática. No microssistema das cores, esse universo lexical abarca tipos de combinações fixas das mais variadas espécies, de forma representativa e peculiar. Nesta exposição, tratarei, especificamente, daqueles proverbiais e das expressões fixas, por meio de considerações de cunho teórico e prático concernentes à sistematização e à busca dessas expressões lexicais no processo de elaboração de uma obra lexicográfica especial, no caso, um Dicionário Multilíngüe de Cores – DMC.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Léxico; nomes de cor; expressão fixa; provérbio; dicionário multilíngüe.

### Um mundo feito a cores

Isaac Newton, pioneiro em fracionar a luz do sol e as cores que a compõem, serviu-se de um prisma e produziu um espectro, obtendo, assim, a difração da luz branca em sete cores (as chamadas primárias): “vermelha”, “laranja”, “verde”, “amarela”, “azul”, “anil” e “violeta”. Goethe (1993), não compartilhando dos critérios utilizados por Newton, uma vez que este último tratou a produção da cor essencialmente como um fenômeno físico, reestudou e reanalisou as experiências com prismas e lentes. Giannotti, na Apresentação de Doutrina das cores (GOETHE, 1993, p.19) afirma que ele

propõe uma interpretação das cores a partir do órgão da visão, que não pode ser identificado a um conjunto de prismas e lentes, pois o

---

<sup>1</sup> UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil. Endereço eletrônico: zavaglia@ibilce.unesp.br

olho é um órgão vivo. Sua aversão a experimentos com lentes e prismas, no interior de um quarto escuro, ilustra bem essa nova postura diante do fenômeno cromático. A investigação ao ar livre, onde o olhar reencontra a natureza, é a única que parece fasciná-lo.

Segundo Brusatin (1983), diferentemente de quase todos os animais mamíferos, o homem possui a capacidade de “enxergar a cores”, como os peixes, os répteis, os pássaros, a abelha e a libélula, e essa é uma condição de sensível incerteza sobre a qual se apoiou toda e qualquer teoria científica concernente à essência das cores, no que diz respeito ao modo inconstante da sua aparição e do seu “ser percebida” (p.3).

É interessante ressaltar, contudo, que, do mesmo modo que para o físico a palavra cor designa uma luz, ou seja, um comprimento de onda, para os lingüistas tal unidade lexical denomina o absorver e o refletir da luz dos corpos, sejam eles naturais ou artificiais. Nessa vertente, de acordo com a sua vivência e experiência, o homem, com o decorrer do tempo, foi criando e registrando lingüisticamente sua afetividade pelas cores.

As expressões cromáticas estão ligadas à experiência e à sensibilidade do homem diante do mundo que o cerca, tanto para representar a cor como um aspecto sob a luz do sol – *folhas verdes, bolsa marrom, casaco preto*, como para representar signos universais e metafóricos como *ouro negro* ou *sair do vermelho*.

Claro está que o homem, no seu dia-a-dia, não vive mais sem as cores (se é que algum dia viveu): sensibiliza-se com a cor de uma flor da mesma maneira que é incitado a adquirir uma roupa de uma determinada pigmentação ou a pintar a sua casa de azul, de amarelo ou de branco. Inconscientemente exprime as suas emoções, utilizando-se de cromônimos<sup>2</sup> – hoje tão incorporados a sua realidade, por meio de expressões idiomáticas, sintagmáticas ou proverbiais –, cujo elo entre cor e objeto não se vincula mais em manifestações como: *fiquei vermelho como um pimentão, deu branco ou estou tremendo como varas verdes*.

Desse modo, tentar levar aos olhos dos falantes de uma língua as cores de sua linguagem me parece uma trajetória adequada para o enaltecimento de um dos mecanismos mais criativos de que é possuidor o homem, ou seja, a sua produção lingüística.

## Um léxico feito a cores

Partindo-se da premissa de que cada língua tem uma maneira própria de compreender e divisar o mundo, o universo das cores é representado de acordo

---

<sup>2</sup> Termo traduzido em português do italiano “cromonimo” (singular) / “cromonimi” (plural) empregado por Enrico Arcaïni em *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna: Patron, 1991.

com as particularidades de cada cultura, ou seja, conotativamente e subjetivamente. Por conseguinte, a percepção das cores será representada lingüisticamente de forma diferenciada de uma cultura para outra. Com efeito, Arcaini (1991) relata que toda língua natural é caracterizada pelo relativismo cultural e assim cada sistema lingüístico descreve de modo particular e único o universo das cores. Dessa maneira, cada língua assume uma maneira própria para distinguir e retratar os feixes cromáticos de sua cultura desprovidos de objetividade. Por outro lado: “Lingüisticamente o problema consiste em correlacionar – por meio da análise dos fatos empíricos – as descrições oferecidas por sistemas determinados a mundos que poderiam ter soluções bem delineadas no universo sensível” (ZAVAGLIA, 1996, p.14). Para Berlin e Kay (1969, p.2), a doutrina predominante dos lingüistas e antropólogos americanos do século XX é a da relatividade lingüística. Essa doutrina defende que cada língua tem um modo próprio de compilação de suas experiências e, portanto, que cada língua possui uma arbitrariedade semântica em relação a todas as outras línguas. Eco (1985, p.163 *apud* MORAES, 1995, p.65), com base no relativismo lingüístico, acredita que cada língua organiza o seu mundo lexical de acordo com suas necessidades práticas e, conseqüentemente, considera como relevantes diferentes aspectos do mundo. Esse mesmo autor pronuncia ainda que:

Quando um indivíduo profere o nome de uma cor, ele não está apontando diretamente para um estado do mundo (processo de referência), mas ao contrário, ele está correlacionando esse termo a uma unidade ou a um conceito cultural. Essa articulação do termo é determinada, obviamente por uma dada sensação, mas a transformação dos estímulos sensoriais em um objeto da percepção é, do mesmo modo, determinado pela relação semiótica entre a expressão lingüística e o significado ou conteúdo culturalmente correlacionado com ele. (ECO, 1985, p.160 *apud* MORAES, 1995, p.65)

Segundo diversos estudiosos sobre o argumento em questão, a percepção sobre o contínuo da luz vincula-se diretamente à prática cultural. Com efeito, se em determinadas culturas verifica-se a ausência de certas unidades lexicais cromáticas, isso não significa que os falantes dessas línguas não possuam habilidades fisiológicas de percepção do universo cromático. Antes, acreditamos que essas cores não sejam relevantes ou, ainda, não desfrutem de referências para tais universos culturais. Nesse mesmo sentido, Eco (2003) afirma que o modo de organizar, distinguir e segmentar as cores altera-se de cultura para cultura. E ainda:

Mesmo se forem individualizadas algumas constantes transculturais, parece difícil traduzir os nomes de cores entre línguas longínquas no tempo ou de culturas diversas; observou-se, também, que “o

significado dos nomes de cor é uma das maiores dificuldades da história da ciência”. Se se usa o termo *cor* para se referir à pigmentação das substâncias no ambiente, não se disse nada ainda sobre a nossa percepção cromática. É necessário distinguir os pigmentos como realidade cromática da nossa resposta perceptiva como efeito cromático – que depende de muitos fatores, tais como a natureza das superfícies, a luz, o contraste entre os objetos, o conhecimento anterior. (ECO, 2003, p.356, tradução nossa).

Sapir (1961, p.51) diz que há uma correlação entre o universo lexical de uma língua e a cultura, e que a variabilidade do léxico, refletindo o ambiente social, tem alcance no tempo e no espaço. Em outras palavras, os conceitos culturais, e o léxico a eles referente, torna-se cada vez mais rico e ramificado com o aumento da complexidade cultural no grupo. Sapir discorre sobre a relação que existe entre o ambiente físico e a língua e afirma que “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (*apud* MORAES, 1995, p.60). O léxico completo de uma língua pode ser considerado, na verdade, como todas as idéias, interesses e ocupações que chamam a atenção da comunidade, e que “[...] quanto mais necessário for para uma cultura fazer distinções dentro de uma dada série de fenômenos, tanto menos provável será a existência de um termo genérico para a série toda” (MORAES, 1995, p.60).

O léxico é tudo aquilo que o homem nomeia a partir de sua percepção da realidade, constituindo-se, portanto, em uma forma de registrar os seus conhecimentos. Após dar nome aos objetos, o homem os classifica e atribui-lhes significado. Portanto, os signos lingüísticos ou palavras são associados a conceitos que, por sua vez, simbolizam o universo referencial.

Segundo Biderman (1996),

[...] o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras – os signos lingüísticos. (BIDERMANN, 1996, p.27)

Para Silva (2002, p.69), o léxico representa: “o repositório dos aspectos culturais e ideológicos de uma determinada comunidade lingüística, para conhecer bem o significado de uma palavra é preciso conhecer também o contexto cultural no qual ela se insere, bem como as situações em que é usada”.

É nesse conjunto imenso de unidades lexicais, cujas divergências lingüístico-semânticas são inerentes e formadoras de culturas e comunidades de fala, que

se inserem os itens lexicais cromáticos como microsistemas lingüísticos singulares repletos de significação e riqueza sintático-semântico-pragmática.

Esse grande universo lexical abarca tipos de combinações fixas das mais variadas espécies, tais como sintagmas nominais, verbais, preposicionais; expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares, frases feitas, locuções, colocações, gírias, máximas, sentenças, entre outros. Ao conjunto dessas combinações estáveis chamaremos fraseologismos (F). Estes estão presentes, de forma representativa e peculiar, no microsistema das cores. Nesta exposição, tratarei, especificamente, daqueles proverbiais e das expressões fixas, cuja denominação será, doravante, Provérbios Cromáticos (PrCr) e Expressões Idiomáticas Cromáticas (EICr), respectivamente.

## **Expressões idiomáticas e provérbios**

Segundo Xatara e Oliveira (2002):

Definimos **idiomatismo** ou **expressão idiomática** (EI) como “toda lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradução cultural”, baseando-nos, entre tantas outras teorias lexicais, nas de Biderman (1978), Chafe (1979), Danlos (1981), Gross (1982), Carneado Moré, Corbin (1983), Rwet (1983), Tagnin (1988) e Lodovici (1989), bem como nas considerações levantadas por Xatara em pesquisas anteriores (1994 e 1998). (XATARA; OLIVEIRA, 2002, p.57)

A partir dessa definição, as autoras salientam que uma expressão idiomática “é uma unidade locucional ou frasal que constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita” (XATARA; OLIVEIRA, 2002, p.57). Ademais, atentam para o fato de ao se apresentarem como sintagmas complexos, as EIs não possuem paradigmas, isto é, não permitem, em sua grande maioria, operações de substituição nesse eixo.

Para que uma unidade frasal (UF) seja caracterizada como EI, suas partes combinatórias não podem se desmembrar em unidades singulares de sentido. Ao contrário, o significado deve ser apreendido a partir da totalidade da UF que se tornará uma, tendo semântica própria e peculiar. A idiomatidade é alcançada por meio de diferentes estratégias lingüísticas – as figuras de linguagem –, empregadas, comumente, na criação literária para a produção de efeitos expressivos no texto; as mais comuns são as metáforas (*ter o sangue azul*), a metonímia (*vestir verde-e-amarelo*), a antonomásia (*ser o Poeta Negro*), a sinestesia (*ter os lábios roxos de frio*), entre outras. Entretanto, as linhas limítrofes entre os fraseologismos idiomáticos e os não idiomáticos são tênues,

muitas vezes se confundem, coexistindo, não raro, significados idiomáticos e literais como para os sintagmas *mosca branca* (inseto/algo raro [ser]) e *elefante branco* (animal/algo de dimensões gigantescas [ser]). Welker (2004, p.162) entende os fraseologismos “– também chamados, entre outros termos, de *frasemas*, *unidades fraseológicas* ou *combinatórias lexicais*” como “sintagmas mais ou menos fixos”. Esse mesmo autor caracteriza tudo aquilo que se entende por “fraseologismos” como sendo polilexicais e fixos. Já aqueles idiomáticos devem conter, indiscutivelmente, traços de idiomaticidade, ou seja, a seqüência das partes que os compõem devem funcionar como uma unidade significativa. No que diz respeito às expressões idiomáticas, Caramori (2000, p.66) as define como “se estivessem em uma roda (roda temática), de mão dadas: *virar uma fera* pode parecer mais assustador do que *ficar uma arara*, mas, em determinados contextos, elas serão facilmente intercambiáveis” ressaltando a elasticidade semântica das mesmas. Vale (2001) questiona:

uma expressão cristalizada (doravante EC) deve ser considerada como um conjunto de palavras ou como uma palavra única? A noção de palavra é,<sup>3</sup> por certo, uma das mais controvertidas na lingüística (Biderman, 1978, p.72-166). A tradição da escrita alfabética do Ocidente estabeleceu *grosso modo* que palavra deveria ser tudo aquilo que estivesse compreendido entre dois espaços em branco. Não se pretende aqui discutir a noção de palavra – embora a própria noção de expressão idiomática ou fixa ou cristalizada levante uma série de problemas para as diversas definições de palavra – mas é interessante notar que essa definição é ainda hoje a que norteia as diversas gramáticas tradicionais. (VALE, 2001, p.1)

Concerne à caracterização das EIs, esse mesmo autor revela que se baseia na sua definição tradicional, ou seja, uma seqüência de itens lexicais constituída de “mais de um segmento [...] cujo significado total não pode ser deduzido pelo significado das partes que a compõem” (VALE, 2001, p.18); adiante, diz que essa definição, mesmo sendo funcional, não é suficiente, uma vez que as expressões cristalizadas “podem ser caracterizadas por um *continuum* que vai da expressão relativamente transparente e flexível à expressão completamente opaca e cristalizada” (VALE, 2001, p.18).

No processo de lexicalização de um idiomatismo, uma condição decisiva para a sua cristalização, e conseqüente inclusão em macro ou microsrukturas de dicionários, é a freqüência de uso pela comunidade lingüística no qual se encontra inserido. De fato, são os falantes de uma tradição cultural que elegem, consagram e consolidam uma expressão idiomática enquanto “ente existente” em seu universo lexical, tanto no que diz respeito à sua estruturação gráfica

---

<sup>3</sup>Veja também A. Rey. *La lexicologie*. Paris: Klincksieck, 1970 em relação aos estudos da “palavra”. (Nota minha).

quanto à sua estabilidade significativa. Com efeito, são os usuários do português do Brasil que tornam legítimo e julgam que se deva empregar *ficar vermelho de raiva* em detrimento de \**ficar amarelo/cinza/rosa/marrom/preto de raiva*. Por outro lado, a flexibilidade da língua e a aceitação de seus falantes permitem contruções do tipo *ficar verde, roxo ou azul de raiva*, mesmo que com frequências menores de uso.<sup>4</sup> O mesmo ocorre para o resultado contrário, ou seja, quando não se cristalizam e não se veiculam expressões como *ficar branco de raiva*, a não ser que seja empregada em contextos específicos, cujo contraste claro e escuro se faz evidente, como na frase: “O Urubu *ficou branco de raiva*, olhou e viu pouco distante uma lagoa e pensou [...]”, a partir do momento que sabemos que urubus são pretos.

Já os provérbios representam um patrimônio cultural incomensurável que proporciona uma imensa riqueza de significados às línguas humanas, fato esse que os projeta em uma dimensão histórica universal. Além disso, sintetizam o valor de incontáveis experiências humanas que, de certo modo, são levadas a uma reflexão pelas gerações futuras para que possam extrair úteis ensinamentos e apropriadas exortações, isto é, conselhos e avisos, para serem capazes de enfrentar, com maior serenidade e confiança em si mesmos, os pequenos, grandes e múltiplos desafios que a vida quotidiana lhes reserva.

A estruturação dos provérbios é variada; entretanto, baseia-se, geralmente, em uma unidade frasal que pode estar restrita a uma oração, com ou sem verbo, a uma estrutura binária de sintagmas correlatos, a enunciados fechados. Lança mão de diversos recursos para promover a sua memorização e cadência rítmica, como por exemplo, a rima, aliteração, repetição ou oposição de palavras, paronomásia, elipses. Dá preferência ao “presente do indicativo ou imperativo; formulação abstrata, figurada ou plena de imagens; formas impessoais ou indefinidas; concisão e brevidade” (XATARA; OLIVEIRA, 2002, p.13).

Concernente ao léxico das cores, os provérbios estão repletos de nomes ou adjetivos cromáticos, cujas considerações sobre uso e frequência são as mesmas feitas em relação aos idiomatismos. De fato, diz-se *De/À noite todos os gatos são pardos* e não marrons, pretos, amarelos ou brancos. Por outro lado, permitem-se mutações para o provérbio *O que seria do azul se todos gostassem do amarelo?* tais como como *O que seria do roxo, do vermelho, do verde se todos gostassem do amarelo, do preto, do azul?*

## Dicionários vs fraseologismos cromáticos

Há uma área de estudos, antiga e tradicional, que oferece muitos benefícios à humanidade, no que diz respeito à comunicação tanto oral quanto escrita. É a

---

<sup>4</sup> Em pesquisa realizada na internet, a maior frequência se dá com a expressão idiomática que utiliza o nome de cor “vermelho”, seguida do “verde”, “roxo” e “azul” em ordem decrescente.

chamada Lexicografia. Os lexicógrafos, para melhor delimitar seu objeto de estudo, elaboraram um tipo de obra de referência, a saber, os dicionários. A utilização de fundamentos teóricos e de critérios científicos é, contudo, ainda muito recente na produção lexicográfica. Os dicionários enquadram-se no campo de estudos da lexicografia. “A ciência dos dicionários”, é assim que Biderman (1984) define a lexicografia. Essa mesma autora afirma que essa ciência teve início nos séculos XVI e XVII quando foram elaborados os primeiros dicionários monolíngües e bilíngües (em latim e uma língua moderna). E ainda: “O dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura. O lexicógrafo descreve ambas – língua e cultura – como um todo pancrônico, embora se situe numa perspectiva sincrônica” (BIDERMAN, 1984, p.28).

Na maioria das vezes, o dicionário serve apenas como livro de consulta; espera-se, portanto, que os consulentes encontrem fácil e rapidamente entre suas unidades textuais a informação de que necessitam em particular. A disposição das palavras em um dicionário padrão geralmente é feita em ordem alfabética, como entradas lexicais, ou lemas, excetuando-se repertórios vocabulares especiais do tipo analógicos ou onomasiológicos. Para Aubert (1996, p.27) “A lexicografia considera as palavras enquanto parte do léxico, ou seja, como fazendo parte do conjunto de unidades de que uma determinada comunidade dispõe para se comunicar por intermédio da língua”. Segundo Boutin-Quesnel et al (1985, p.29), dicionário é o “repertório de unidades lexicais que contém informações de natureza semântica, referencial, gramatical ou fonética”. Esse autor definiu *dicionário especial* como “dicionário de língua que descreve unidades lexicais selecionadas por algumas de suas características. Ex: dicionário de sinônimos, dicionário de gíria, dicionário fonético”.

Sabe-se que, apesar de todo esforço que faça um lexicógrafo, ou uma equipe deles, seria praticamente impossível expor num dicionário todo o léxico de uma língua, ou fornecer respostas para todas as questões existentes ou que possam surgir no âmbito lingüístico. O dicionário não é mais que uma obra “representativa” da língua ou de uma parte dela. Ressalte-se, ainda, que a língua está em constante transformação, principalmente em virtude das grandes mudanças socioculturais e tecnológicas.

Uma vez que pretendo descrever o tratamento dado aos fraseologismos no DMC, convém examinar de que modo os dicionários gerais em português e os bilíngües italiano-português introduzem os Provérbios Cromáticos (PrCr) e as Expressões Idiomáticas Cromáticas (EICr) em seus textos.

Atrevo-me a afirmar, com certa precisão, que os dicionários gerais ou padrão possuem certa uniformidade e coerência dinâmico-estrutural no que concerne aos PrCrs e às EICrs: a inserção dessas unidades frasais (UFs), com raras e remotas exceções,<sup>5</sup> é feita na microestrutura dos verbetes. Quando muito, essas obras

lexicográficas inserem na sua nomenclatura um ou outro sintagma cromático, geralmente hifenizado, atinentes a campos semânticos bem delimitados, como é o caso da botânica, zoologia e química: *abóbora-amarela*, *abelha-preta*, *vermelho-turco*, respectivamente.<sup>6</sup>

Observemos as entradas *vermelho* e *verde* no dicionário monolíngüe *Aurélio* da língua portuguesa:<sup>7</sup>

| Cromônimo | Aurélio – 1999  |
|-----------|---|
| VERMELHO  | <p><i>vermelho</i><sup>1</sup> <b>Adj.</b> 1. Da cor do sangue, da papoula, do rubi. 2. Diz-se dessa cor. 3. Afogueado, corado, rubro. 4. Diz-se das partes externas do corpo incidentalmente sujeitas a maior afluxo sanguíneo; congestionado. 5. Diz-se de cantiga ou anedota picante, obscena. 6. Pertencente ou relativo à ex-U.R.S.S. 7. P. ext. Fig. Comunista, marxista, ou socialista. ~ V. açafão -, anã -,a, bode -, cota -,a, cruz -,a, lama -,a, latão -, mancha -,a, naipes -,s, planeta - e sinal - <b>S.m.</b> 8. A cor vermelha. 9. Indivíduo vermelho (6 e 7). 10. Verniz de resina de sangue-de-drago e álcool. 11. Fís. No espectro visível (q. v.), a cor da radiação eletromagnética com os mais longos comprimentos de onda, situados, aproximadamente, entre 620 e 790 nanômetros. 12. Pop. Condição de prejuízo (de indivíduo, empresa, etc.).</p> <p><i>vermelho</i><sup>2</sup> <b>S. m.</b> Zool. 1. Bras. Designação comum a várias espécies dos lutjanídeos, especialmente o peixe actinoptérigio, perciforme, <i>Lutjanus aya</i>, de coloração vermelha tendente ao róseo, mais clara no abdome, mancha negra no meio do corpo e na parte anterior. Atinge até 1m de comprimento, e sua carne é boa. Ocorre em toda a costa do Brasil. [Sin., nesta acepç.: acaraaia, acarapitanga, acarapuã, caranha, carapitanga, caraputanga, cherne-vermelho, dentão, vermelho-verdadeiro. Cf. vermelho-henrique.] 2. Bras. PR V. piolho-vermelho.</p> |
| VERDE     | <p><i>verde</i> <b>Adj.</b> 2 g. 1. Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda. 2. Diz-se dessa cor. 3. V. verdejante. 4. Diz-se da planta que ainda tem seiva. 5. Diz-se da fruta que ainda não está madura. 6. Diz-se da madeira que não está seca. 7. Muito pálido. 8. Fig. Tenro, fraco, delicado. 9. Fig. Relativo aos primeiros anos de existência. 10. Coberto de vegetação (nativa ou cultivada). 11. Relativo à preservação dos recursos naturais e do equilíbrio ecológico (q. v.), ou às idéias ou ações políticas, econômicas, administrativas, dos que defendem esta</p>  |

<sup>5</sup> Salvo o *Dicionário de Usos do Português Contemporâneo* de Francisco da Silva Borba, São Paulo: Editora Ática, 2002 que inova sua macroestrutura inserindo construções sintagmáticas. Embora essa obra tenha escopos de dicionário padrão, ainda poderia ser classificada naquele de tipo especial, uma vez que privilegia o “uso” da língua. Infere-se que, devido a essa especificidade, muitas entradas, apesar de existentes, são omitidas porque não usuais. De fato, esse dicionário possui na sua nomenclatura entradas cromáticas como: *bola-preta*, *cana-verde*, *capim-azul*, *carta branca*, *cheiro-verde*, entre outras, muito bem descritas e organizadas. Nessa mesma esteira procede o *Dicionário Unesp do Português Contemporâneo* de Francisco da Silva Borba (org.) São Paulo: Editora Unesp, 2004.

<sup>6</sup> Exemplos extraídos de Ferreira (1999).

<sup>7</sup> Por questões de espaço, restringir-me-ei a analisar apenas este dicionário e não o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

preservação. 12. Relativo ao uso ou à aplicação de princípios ou técnicas não-poluentes de exploração dos recursos naturais. 13. Relativo ao, ou que é partidário ou simpatizante do PV (Partido Verde) [v. verde (11)]. ~ V. algas -s, área -, bode -, caldo -, carne -, cinturão, Inferno -, luz -, marketing -, ouro -, pano -, raio -, sinal -, tapete - e vinho -. **S. m.** 14. A cor verde em todas as suas gradações. 15. Fís. No espectro visível (q. v.), a cor da radiação eletromagnética de comprimento de onda situado, aproximadamente, entre 510 e 575 nanômetros. 16. A vegetação, as plantas verdes; verdor, verdura. 17. Os recursos vegetais em geral, esp. aqueles que formam ecossistemas naturais, ou os encontrados em áreas em que ainda não houve interferência sensível das atividades humanas. 18. P.ext. O meio ambiente; a natureza. 19. Bras. Alimentos verdes para o gado. 20. Bras. N.E. GO A estação chuvosa. 21. Bras. MG Pastagem que rebenta após a queima da manga dos campos e as primeiras chuvas. 22. Bras. PR RS Mate amargo; chimarrão. 23. Bras. AL Verdete us. para matar formigas. **S. 2 g.** 24. Bras. V. integralista (2). 25. Bras. Membro do Partido Verde, ou simpatizante dele. *Cair no verde*. Bras. RJ Gir.1. Fugir para o campo; esconder-se no mato. *Jogar verde*. 1. Plantar verde para colher maduro. *Plantar verde para colher maduro*. 1. Estimular alguém mediante perguntas hábeis, dissimuladas, a fazer uma declaração, contar um fato; jogar verde.

As informações que figuram dos verbetes são bastante vastas e plurifuncionais; de fato, procuram conter toda a aquarela de significações possível para cada uma das entradas. As EIs, quando incluídas, localizam-se ao final do verbete, no interior ainda da sua microestrutura, como se observa para as EIs *cair no verde*, *plantar verde para colher maduro* e *jogar verde* da entrada *verde* do Aurélio, atribuindo ao consulente a tarefa de “descobrir” por si só onde estão introduzidas no dicionário. Ou seja, se o usuário não inferir que deverá utilizar como núcleo de sua pesquisa o nome de cor, é muito pouco provável que terá sucesso em suas investigações dicionarísticas, no que diz respeito a essas EIs. De fato, nas entradas *cair*, *plantar*, *colher*, *maduro* e *jogar* não há indício algum para essas expressões. Chamo a atenção para a ausência total de EIs na entrada *vermelho*. Não há vestígios, com efeito, de inserção para as EIs *estar/ficar vermelho de raiva/inveja/vergonha*; *ser faixa-vermelha*; *estar/sair no/do vermelho*; *parar no vermelho*; *passar no vermelho*; *estar/deixar/ficar vermelho como um camarão/pimentão*; *ver tudo vermelho*; *estender (o) tapete vermelho*. Para a UL verde, ainda faltam informações sobre a EI: *ter mão verde*; em contrapartida, as EIs *dar sinal verde*; *ser/estar casado na igreja verde*; *ver passarinho verde*; *tremar como/que nem varas verdes* encontram-se registradas no interior dos verbetes das entradas *sinal*; *igreja*; *passarinho* e *vara*, respectivamente. Mais uma vez, a tarefa de “adivinhar” por qual palavra procurar a EI cabe ao consulente.

Convém ressaltar que não existem regras lexicográficas que definam por qual unidade lexical presente na EI o dicionarista se deva pautar para a produção

de seus verbetes; há princípios, se posso assim me expressar, que orientam o pesquisador a identificar uma unidade que contenha mais representatividade semântica em detrimento de outra no conjunto total da expressão. Assim, o que se observa hoje nos dicionários brasileiros é uma lacuna no que diz respeito à orientação que um usuário de determinada obra deva seguir para a realização de suas pesquisas referente a EIs.

No que diz respeito às expressões proverbiais, a situação agrava-se um pouco mais. No dicionário *Aurélio*, nem mesmo no campo das rubricas há indicações sobre os provérbios. De fato, não é possível localizar PrCrS tais como *Céu azul, vento de norte ou sul; Céu pardacento, ou chuva ou vento; Ruivas ao nascente, chuva de repente; Vermelho ao mar, calor de rachar; Mais vale ficar vermelho cinco minutos, que amarelo toda a vida; Mais vale rosto vermelho que coração negro; Todo sangue é vermelho; Quem se aproxima do rubro, vermelho ficará; quem se aproxima do nanquim, preto estará; Nem todo branco é farinha; Em briga de branco, preto não se mete; Sapato branco em Janeiro é sinal de pouco dinheiro; De noite todos os gatos são pardos.*

No caso dos dicionários bilíngües ou plurilíngües, as informações lingüísticas que acompanham cada unidade lexical costumam ser, geralmente, menos detalhadas do que a dos dicionários monolíngües, talvez porque, ao recorrer aos primeiros, o interesse do público-alvo se reduza apenas à busca de equivalentes semânticos ou mesmo de empregos sinonímicos. Assim, a maioria desse tipo de dicionário oferece somente algumas informações a respeito das unidades abarcadas, como a categoria gramatical a qual pertence e suas formas flexionadas, não se estendendo à indicação de seu uso colocacional, de ocorrência, polissêmico ou metafórico.

Vejamos, a seguir, como os três dicionários bilíngües (DBs) italiano-português mais representativos no mercado lexicográfico brasileiro se comportam, no que diz respeito aos nomes de cores *azzurro* e *grigio*:

| Cromônimo      | Spinelli-Casasanta - 1988                    | Mea - 1997a   | Benedetti - 2004   |
|----------------|--|---|--|
| <b>AZZURRO</b> | ( <i>pers.</i> LAZWARD)<br><i>adj.</i> Azul. | /ad'dzurro/, <i>adj.</i> azul; <i>cielo</i> —, céu azul; <i>occhi azzurri</i> , olhos azuis; <i>azzurro mare</i> , azul-marinho; <i>il Principe Azzurro</i> , o príncipe encantado; <i>sangue</i> —, sangue azul // <i>s.m.</i> azul // céu // ( <i>desporto</i> ) elemento da equipa nacional italiana; <i>gli azzurri</i> , a equipa nacional italiana. | <i>agg.</i> azul: <i>pesce azzurro</i> , sardinha, anchova, cavala. *( <i>fig.</i> ) <i>principe azzurro</i> , príncipe encantado * <i>i calciatori azzurri</i> , jogadores da Seleção Italiana. <i>s.m.</i> o azul. *jogador da Seleção Italiana. *( <i>pol.</i> ) pertencente ao partido "Forza Italia". |

|               |  |  |   |
|---------------|--|--|---|
| <b>GRIGIO</b> | (germ. GRIS) <i>adj.</i> gris; cinzento, a // cinzento-azulado, a; pardo, a // <i>cielo</i> —, céu gris // <i>pelliccia</i> — a, peliça parda. | /'gridzo/, <i>adj.</i> (pl. f. -gie ou -ge) cinzento, pardo; <i>capelli grigi</i> , cabelos grisalhos; <i>occhi grigi</i> , olhos cinzentos; <i>cielo grigio</i> , céu encoberto; <i>una vita grigia</i> (fig.), uma vida cinzenta; <i>un'ora grigia</i> , uma triste hora; — <i>in volto</i> , carrancudo, mal-humorado, trombudo, sombrio // <i>s.m.</i> cor cinzenta. | <i>agg.</i> cinzento. // grisalho: <i>capelli grigi</i> , cabelos grisalhos. // ( <i>anat.</i> ) <i>materia, sostanza grigia</i> , substância cinzenta, inteligência // ( <i>fig.</i> ) descolorido, uniforme, monótono. // ( <i>fig.</i> ) nublado: <i>cielo grigio</i> , céu nublado // <i>s.m.</i> cinzento. // pêlo-de-rato, cavalo de pêlo cinzento. |
|---------------|--|--|---|

Como se vê, os modelos de confecção de verbetes prestigiam o uso de sinônimos e descartam quaisquer possibilidades de definição da palavra-entrada para a compreensão semântica do consulente. Devemos destacar, todavia, que tanto o *Mea* quanto o *Benedetti* demonstram uma preocupação, ainda que incipiente, com a significação das entradas, uma vez que introduzem, ora sim ora não, sintagmas semicontextualizados ou orações-modelo em suas microestruturas, o que pode ser considerado um avanço, sem dúvida alguma, para a lexicografia bilíngüe do universo italiano-português. Ressaltamos, contudo, que o *Mea* refere-se ao contexto lingüístico-cultural de Portugal, característica essa que é inadequada ao contexto brasileiro, principalmente em processos ou práticas tradutórias de uma língua para a outra. De fato, observe o emprego da unidade lexical “equipa” na microestrutura da entrada *azzurro*.

Uma outra observação que se faz relevante é concernente à entrada *grigio* nos três dicionários arrolados, a saber: o item lexical *cinza* em língua portuguesa é inexistente como equivalente tradutório em todos eles e em todos os níveis das suas microestruturas. De fato, essas obras lexicográficas arrolam como equivalentes de *grigio* as unidades lexicais *cinzento*, *grisalho*, *pardo* e *gris*. Infere-se, portanto, que *cinza* em português não é considerado um adjetivo cromático, mas tão-somente como o substantivo concreto que designa “pó ou resíduos de combustão”. Em consonância a esta observação, quando buscamos na direção português-italiano do *Spinelli-Casanta* a entrada *cinza* deparamo-nos com a inexistência da acepção de *cinza* como adjetivo que designa cor; o mesmo se observa no *Dicionário de Português-Italiano* do *Mea*. Entretanto, no *Aurélio*, essa acepção ocorre, vejamos: “Adj. 2 g. e 2 n. 5. Bras. V. cinzento (1 e 2): ‘Os olhos cinza, envelhecidos, não revelavam nada’ (Francisco Jorge Torres, Bruxaxá, p.16); vestido cinza; gravatas de cor cinza”. No DMC, *grigio* tem sido traduzido muitas vezes pelo adjetivo *cinza*, uma vez que comprovamos e atestamos a sua freqüência. É o caso de expressões cromáticas como: *vestimenta cinza*, *roupa cinza*, *irmãs cinzas* entre outras.

No que diz respeito às EIs, o único dos três DBs que traz alguma indicação de atentar aos fraseologismos é o *Mea*, quando insere *grigio in volto* do qual depreendemos a EI *essere/diventare grigio in volto*, isto é, *estar/ficar de cara fechada/amarrada*. Por outro lado, a localização da EI se dá ao final do interior do verbete, como reza a tradição lexicográfica.

Na direção português-italiano, a maioria das EICrs se localizam pelo próprio nome de cor nela contido, como ocorre para a entrada *branco*, no qual encontramos *ter carta branca; ganhar cabelos brancos; ser branco como a neve/ o leite; passar a noite em branco* etc. Em contrapartida, são inexistentes indicações para expressões usuais como *dar (um) branco* e *ser o rei da cocada preta*, como o são para qualquer tipo de PrCr que tenho levantado até o momento.

Finalizo esta seção com uma oportuna citação de Welker (2002, p.8) que coloca a questão “em que lugar do dicionário eles (os fraseologismos) deveriam ser arrolados?:

O fato de que frasesmas idiomáticos deveriam aparecer isoladamente no final do verbete é confirmado pela seguinte constatação de um usuário: “A própria experiência mostra que pode ser difícil encontrar logo um frasesma no B-W [dicionário Brockhaus-Wahrig], sem primeiro ter que ler uma grande parte do verbete, quando não se associa [...] imediatamente o significado do componente do frasesma com determinada acepção do lema (Braasch 1988:95)”. É exatamente a associação entre componente(s) do fraseologismo e acepções do lema que é difícil ou mesmo, em muitos casos, impossível. Em que acepção – não idiomática – de *pôr*, de *ponto* ou de *i* poder-se-ia procurar, por exemplo, *pôr os pontos nos “is”*? (WELKER, 2002, p.8-9)

## A macroestrutura do DMC

No *Dicionário Multilíngüe de Cores* (DMC),<sup>8</sup> a nomenclatura é constituída por sintagmas nominais, verbais ou preposicionados cromáticos; por expressões idiomáticas, provérbios e fraseologismos cromáticos na sua totalidade, ou o núcleo da expressão e de seu significado, quando são permitidas permutas com verbos, preposições, adjetivos ou outros em uma construção cromática.

Sendo assim, no repertório lexicográfico ora em pauta há entradas como VISO ROSSO [fare il]; GIALLO DALL’INVIDIA [diventare; essere]; CINTURA NERA [essere]; NOTA PRETA [ganhar, custar uma]; BRANCAS NUVENTS [passar em]; MOSCA AZUL [estar com a]; AZUL DE SAUDADE [estar]; TUDO AZUL [estar]; REI DA COCADA PRETA [ser]; VARA VERDE [tremer como; que nem]; TAPETE

<sup>8</sup> Projeto em desenvolvimento na Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de São José do Rio Preto – IBILCE, fomentado pela FAPESP na modalidade Auxílio à Pesquisa e Bolsas de Iniciação Científica.

VERMELHO [estender]; VERDE PARA COLHER MADURO [jogar; plantar]; ROXO DE RAIVA [estar; ficar], de acordo com o seu grupo cromático.

Para as expressões idiomáticas fixas, isto é, aqueles que não admitem nenhum tipo de substituição de suas partes morfológicas por outras, as entradas são marcadas pela expressão como um todo: LAVORARE COME UM NEGRO; ANDARE IN BIANCO; DI PUNTO IN BIANCO; MANGIARE IN BIANCO; ESSERE IN ROSSO; VER TUDO NEGRO; REMÉDIO DE TARJA PRETA; SERVIÇO DE PRETO; CASAR NA IGREJA VERDE.

No DMC, os provérbios encontram-se estruturados primeiramente de acordo com o nome de cor que faz parte da sua unidade fraseológica. Em um segundo momento, toda entrada de PrCr é feita a partir da sua UF total, como À NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS e SE SONO ROSE FIORIRANNO, em ordem alfabética.

Como o objetivo deste trabalho é propor um verbete inovador, mais completo, que além de preencher os vazios lingüísticos comumente encontrados em dicionários bilíngües, facilite e torne prática a pesquisa por parte do consulente, optou-se aqui pela introdução dos fraseologismos como ocorrência real nos textos, ou seja, da forma como são utilizados no seu emprego lingüístico, evitando, dessa forma, o desconforto de uma busca ou procura demorada por parte do consulente.

Para finalizar, a título de exemplificação e ilustração das observações procedidas até o momento, creio ser apropriado apresentar dois dos 600 verbetes multilíngües elaborados para o DMC até então para cada uma das direções do dicionário:

### Italiano – Português

**DELFINO ROSA** // s.m. **BOTO COR-DE-ROSA; COR DE ROSA**: *O boto cor-de-rosa está ameaçado de extinção no Brasil.* ([http://www.ucb.br/cecb/cd\\_5a\\_03/html/extincao.htm](http://www.ucb.br/cecb/cd_5a_03/html/extincao.htm)) // *Entrambi i mammiferi acquatici sono in via di estinzione, così come il caimano negro e il delfino rosa.* (<http://viaggeria.lycos.it/comunita/guide/interventi.asp?id=450>) \***Pink dolphin**: *The pink dolphin has a large forehead, which holds all the echolocation organs.* ([http://www.amersol.edu.pe/ms/7th/7block/jungle\\_research/new\\_cards/14/report14a.html](http://www.amersol.edu.pe/ms/7th/7block/jungle_research/new_cards/14/report14a.html)) \*\***Dauphin rose**: *Le voyage à la rivière des Amazones (1745), du Français Charles Marie de la Condamine, pose l'énigme du dauphin rose.* (<http://www.linternaute.com/savoir/encyclopedie/dauphins>) \*\*\***Delfin rosado**: *El delfín rosado, también conocido como Delfin del Amazonas o "boto" es una de las cinco especies de delfines de agua dulce.* ([www.clubdelmar.org/delfinrosado.htm](http://www.clubdelmar.org/delfinrosado.htm)) # Mamífero (*Inia geoffrensis*) de água doce que tem o corpo pisciforme e pertence à família dos cetáceos.

**CORPO AMARELO** / / s.m. **CORPO LÚTEO**: *Dopo aver ovulato, il follicolo dominante si trasforma in un organello denominato **corpo luteo** con funzione endocrina di produzione di estrogeni e progesterone. (NET)// O LH (hormônio luteinizante) estimula a formação do **corpo lúteo** ou **corpo amarelo**. (NET) \***Yellow body; corpus luteum**: *Following the release of the egg from the ovary, the follicle which held the egg collapses on itself, becoming a **yellow body** “**corpus luteum**” (NET) \*\***Corps jaune**: *Image montrant le cycle de la maturatin de follicule de De Graaf, l’ovulation et son évolution vers la formation du **corps jaune**. (www.aly-abbara.com/livre\_gyn\_obs/images/cycle\_ovulatoire.html) \*\*\***Cuerpo amarillo; cuerpo luteo**: *se desarrolla el **cuerpo amarillo** o **cuerpo luteo** a partir de los folículos atrésicos, el cual secreta gran cantidad de progesterona y también estrógenos. (www.farmaciegermana.com/FarmaciaGermanahomeopatiafitoterapiadietetica.htm) # Massa gialla creata sul luogo dell’espulsione dell’ovulo dalla ovaia, nel periodo di fertilità. SIN: CORPO LÚTEO****

## Agradecimentos

À Profa. Dra. Maria Tereza Camargo Biderman, exemplo de mulher a ser seguido, por todos seus ensinamentos conscientes ou não em relação a minha vida profissional, acadêmica e pessoal.

ZAVAGLIA, C. Dictionary and colors. *Alfa*, São Paulo, v.50, n.2, p.25-41, 2006.

- **ABSTRACT**: *The lexicon of a language can be considered an asset or a group of linguistic assets belonging to an important and valuable society that is recognized in a specific place, area or country. Due to the technical and scientific progress, the lexicon is developed continually in several fronts, once the nomination process of the reality is a dynamic and lively constant. Chromatic lexical items, as singular linguistic microsystems full of syntactic-semantic-pragmatic significance and wealth, are part of that large set of lexical units, whose linguistic-semantic divergences are inherent and formative of culture and speech communities. In the color microsystem, the lexical universe contains kinds of fixed expressions of varied types, in a representative and peculiar way. In this paper I will specifically discuss some proverbial and fixed expressions through theoretical and practical basis regarding to the systemization and search of these lexical expressions in the process of elaborating a special lexical work, in this case, a Multilingual Dictionary of Colors – DMC.*
- **KEYWORDS**: *Lexicon; color names; fixed expressions; proverb; multilingual dictionary.*

## Referências bibliográficas

- ARCAINI, E. *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna: Patron, 1991.
- AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilingüe*. São Paulo: Humanitas, 1996. (Cadernos de terminologia, 2)
- BENEDETTI, I. (Org.) *Dicionário Martins Fontes italiano-português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BERLIN, B; KAY, P. *Basic color terms: their universality and evolution*. Berkeley: University of California Press, 1969.
- BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, v.28, p. 27-43, 1984.
- \_\_\_\_\_. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, v.40, p. 27-46, 1996.
- BOUTIN-QUESNEL, R. et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la langue française)
- BRUSATIN, M. *Storia dei colori*. Torino: Einaudi, 1983.
- CARAMORI, A. P. *É o bicho: è bestiale: dicionário de expressões idiomáticas no domínio dos animais com equivalências em italiano e respectivas listas temáticas*. 2000. 147 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ECO, U. How culture conditions the colours we see. In: BLONSKY, M. (Ed.) *On signs*. Baltimore: J.H. University Press, 1985. p.157-175.
- \_\_\_\_\_. *Dire quasi la stessa cosa: esperienze di traduzione*. Milano: Bompiani, 2003.
- FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lexikon Informática, 1999.
- GOETHE, J. W. *Doutrina das cores*. Apresentação, seleção e tradução de Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- MEA, G. *Dicionário de italiano-português*. Porto: Porto, 1997a.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de português-italiano*. Porto: Porto, 1997b.
- MORAES, W. B. F. *Uso conotativo das designações das cores em português e em inglês*. 1995. 593f. Dissertação. (Mestrado em Língua e Literatura Norte-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Tradução de Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SILVA, M. C. P. *Estudo comparativo dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês*. 2002. 265f. Tese. (Doutorado em Línguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

SPINELLI, V.; CASASANTA, M. *Dizionario completo italiano-portoghese (brasiliano) e portoghese (brasiliano)-italiano*. Milano: Ulrico Hoeri, 1988.

VALE, O. A. *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*. 2001. 213f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

\_\_\_\_\_. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, H. A. Apresentação de fraseologismos num dicionário alemão-português de verbos (e em seis outros dicionários). *Zeitschrift für romanische Philologie*, v.118, n.3, p.392-429, 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/let/welker/fraseo.doc>>. Acesso em: 04 dez. 2006.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. A. L. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português/português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.

ZAVAGLIA, C. *Os cromônimos no italiano e no português do Brasil: uma análise comparativa*. 1996. 264f. Dissertação. (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

